

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MEL BROOKS, DEIXA-NOS EM PAZ!
19 de Fevereiro de 2026

HIGH ANXIETY / 1977

(*Alta Ansiedade*)

um filme de Mel Brooks

Realização: Mel Brooks / **Argumento:** Mel Brooks, Ron Clark, Rudy Detuca, Barry Levinson / **Direcção de Fotografia:** Paul Lohmann / **Montagem:** John C. Howard / **"Production Designer":** Peter Wooley / **Música:** John Morris / **Efeitos Especiais:** Albert J. Whitlock / **Guarda-Roupa:** Patricia Morris / **Cenários:** Richard Kent, Anne MacCauley / **Interpretação:** Mel Brooks (Richard Thorndyke), Madeline Kahn (Victoria Brisbane), Cloris Leachman (Enfermeira Diesel), Harvey Korman (Dr. Charles Montague), Ron Carey (Brophy), Howard Morris (Professor Lilloman), Dick Van Patten (Dr. Wentworth), Charlie Callas (Cocker Spaniel), Rudy DeLuca (assassino), Barry Levinson (empregado do hotel).

Produção: Mel Brooks, para a Crossbow / **Distribuição:** Twentieth Century Fox / **Cópia:** DCP, colorida, legendada eletronicamente em português, 94 minutos / **Estreia Mundial:** Dezembro de 1977 / **Estreia em Portugal:** Cinema Condes, a 14 de Novembro de 1978.

O humor de Mel Brooks nunca gozou de grande crédito junto da crítica nem das elites de espectadores "bem pensantes", o que nunca o impediu, por outro lado, de ter uma pequena (talvez não tão pequena quanto isso) legião de fanáticos. Aliás, talvez se possa mesmo falar de uma "linhagem" da qual seriam herdeiros, por exemplo os ZAZ (os irmãos Zucker e Jim Abrahams), cujos filmes partilham com os de Brooks um tipo de humor semelhante, patente na construção e tipo dos "gags" e nas constantes referências ao universo cinéfilo. Aqui reside um paradoxo não negligenciável no cinema de Mel Brooks: sendo um realizador voltado para a abordagem paródica dos géneros clássicos do cinema (desde **Blazing Saddles** para o "western", **Young Frankenstein** para o terror, **Silent Movie** para o cinema "mudo", **Spaceballs** para a "fc", até ao recente **Robin Hood: Men in Tights**) a estrutura dos seus efeitos cómicos (afinal, a base dos seus filmes) obedece a uma lógica de "sketch" que tem muito de televisivo, denunciando aliás o começo de carreira de Brooks, como "gagman" para séries de televisão. Daqui resulta que os seus filmes falhem normalmente o "alvo" que potencialmente se propõem atingir: mais do que variações cómicas ou desconstruções desses géneros, ou seja, mais do que uma apropriação das suas lógicas específicas com o fim de as subverter, Brooks limita-se a repescar uns quantos "clichés" e a encená-los de modo tão exagerado quanto inconsequente, independentemente do grau de eficiência que, com eles, consegue atingir (e há, na sua obra, alguns momentos bem divertidos). No fundo, a grande ressalva que há a fazer ao seu cinema é o facto de nunca levar às últimas consequências, do ponto de vista da linguagem cinematográfica, a subversão a que os seus temas se prestam. Sendo um razoável humorista, Brooks precisava de ser um verdadeiro cineasta para que, ultrapassando a superficialidade inconsequente dos seus filmes, pudesse

mergulhar muito mais fundo na manipulação das referências que toma por base e levar, verdadeiramente, os seus filmes à condição de meta-cinema. Talvez pedir tal coisa seja pedir muito e nada disso passe pelos horizontes de Brooks. Mas assim, fica-se pela mera macaqueação e pela referência muitas vezes "fácil", pouco elaborada e ainda menos subtil.

O filme desta noite (mas podia ser qualquer outro do realizador) é um bom exemplo das limitações do sistema de Brooks, bem como das suas possibilidades delirantes nas mãos de outro cineasta. Parodiando o cinema de Hitchcock (que, contou o próprio Brooks, visitou os "sets", por diversas vezes durante a rodagem, não se coibindo de dar as suas sugestões) o filme é-lhe expressamente dedicado, através de uma legenda no início. E é a partir do universo Hitchcockiano que Brooks ergue o seu filme, polvilhando-o de referências aos filmes do genial cineasta. Assim, a personagem principal sofre de medo das alturas (**Vertigo**) e começa o filme tomando posse do cargo de director de um asilo psiquiátrico (tal como **Spellbound**). São estes dois filmes, de resto, o signo temático recorrente de **High Anxiety**: as referências a outros filmes de Hitchcock surgem, na maior parte das vezes, perfeitamente desenquadrados do envolvimento narrativo, o que mais acentua o seu ar de "sketch". Estão neste caso, por exemplo, as citações de **Psycho** e de **The Birds**, sendo sobretudo esta última perfeitamente acessória e forçada. Por outro lado, a citação de **North by Northwest**, com a sequência do assassinio no hotel, surge plenamente justificada pelo "corpus" narrativo, e é exemplo (raro neste filme) de, utilização da citação como maneira de fazer avançar a narrativa. De resto, há inúmeras outras referências ao universo Hitchcockiano, algumas delas surpreendentes (como a referência a Mr. McGuffin), bem como a um universo cinéfilo mais geral: a ampliação das fotografias por Brophy evocando **Blow-Up** e as "grandes alterações" que o antigo director do asilo pretendia executar, que afinal não eram mais do que uma troca de cortinados, fazendo lembrar inequivocamente **The Cobweb** de Vincente Minnelli.

Onde o filme marca, pontos é sobretudo na glosa, que a banda sonora faz da música de Bernard Herrmann, merecendo o trabalho de John Morris amplos elogios. A utilização "exagerada" daquela música, feita de incisivos impulsos e aparecendo quando menos se espera, acaba por ser um dos campos em que Brooks mais "subversivamente" trabalhou. Dois momentos exemplares: numa sequência passada dentro de um automóvel, ainda no princípio do filme, começamos de súbito a ouvir tão violenta música, parecendo as personagens tão espantadas quanto nós, até descobrirem que a música vem de um autocarro que transporta uma orquestra, e que o que parecia "off" afinal era "on". Algo de semelhante acontece mais para o fim do filme, quando, perante nova irrupção extemporânea da banda sonora, todas as personagens se voltam para cima (onde se encontra a câmara) procurando a origem do som. Outro ponto a favor do filme reside nos "bonecos" de Cloris Leachman (a enfermeira Diesel, incapaz de disfarçar o seu passado Nazi) e de Madeline Kahn, caricaturando na perfeição as célebres louras hitchcockianas.

Depois disto, o espectador perguntar-se-á se, ao menos, o filme é divertido. É, tal como uma "sitcom" é divertida, ou como uma série de televisão humorística pode ser divertida. O problema, é que no cinema se pede mais. E, como escreveu o crítico inglês Martin Sutton, Brooks não conseguiu perceber que Hitchcock era "*the subtlest of black comedians, so that Brook's jabs at dark humour are grossly superfluous to the genre*".

Luís Miguel Oliveira